

A readequação dos trabalhadores no novo mercado de trabalho: o setor coureiro-calçadista no Vale do Sinos nos anos 1990

RESUMO: Este artigo tem como temática principal o mercado de trabalho e o setor coureiro-calçadista no Vale do Sinos na década de 1990. O objetivo principal foi observar, através do Jornal NH, periódico de maior circulação na cidade e região, como se deu a readequação dos trabalhadores numa situação de crise e desemprego. Utilizamos a metodologia da análise de conteúdo (Laurence Bardin) e análise de discurso (Eni Orlandi) para realizar tal pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal NH; setor coureiro-calçadista; Vale do Sinos

Este artigo procura identificar como se deu a readequação dos trabalhadores no mercado de trabalho que se esboça nos anos 1990. Essa década foi marcada por uma série de transformações econômicas a nível nacional e que se fizeram sentir no Vale do Sinos, ficando esse período marcado como a época de uma das maiores crises econômicas do setor coureiro-calçadista.

Para compreendermos como o Vale enfrentou essa crise, utilizamos a fonte de pesquisa jornalística através do jornal NH, periódico diário da cidade de Novo Hamburgo e região.

O cenário histórico dos anos 1990

A década de 1990 foi um período de grandes mudanças, relacionadas, principalmente, à globalização, revolução tecnológica e alterações no mercado financeiro. Essas transformações geraram crise em muitos países, entre os quais o Brasil, situação que foi vivenciada, também, pelo Vale dos Sinos. Nesse período o país passou a seguir as orientações americanas e inglesas do neoliberalismo, orientação político-econômica do momento.

Dentre as mudanças ocorridas, Neto e Curado (2006, p. 492) apontam:

[...] o processo de estabilização da economia com o Plano Real em 1994 somou-se ao que se designou de “novo modelo de inserção da economia brasileira”. Este novo modelo contemplava uma série de indicações e estratégias para a política industrial e de comércio exterior, dentre elas a exposição da indústria à competição internacional, visando a uma maior inserção no mercado externo e à melhoria de qualidade e preço no mercado interno, ao aumento da competição em setores oligopolizados e à capacitação tecnológica da empresa nacional.

A consequência disso, segundo os autores citados, foi uma reorganização dos mercados, obrigando as empresas a se capacitarem tecnologicamente e a buscarem maior eficiência produtiva.

Para Pinheiro et al (2006), essas reformas pelas quais o país passou podem ser divididas em três períodos: no 1º, de 1991 a 1994, houve a abertura da economia e a privatização das indústrias, com a consequente alta da inflação. O 2º período, de 1995 a 1998, avançou no programa de privatização e conteve a inflação, (que caiu de 5.000% ao ano para aproximadamente 2% em 1998), mas aumentou o déficit fiscal, o que comprometeu o crescimento econômico. Finalmente, no 3º período

[...] adotou-se um novo conjunto de políticas macroeconômicas, baseado em contenção fiscal, metas de inflação e flutuação da taxa de câmbio. Pela primeira vez desde o início das reformas, o Brasil conseguiu aliar as reformas estruturais profundas a uma política macroeconômica adequada. Essa combinação, que há tanto tempo se fazia necessária, animou as esperanças de que o crescimento sustentável era um objetivo ao alcance do país. (PINHEIRO et al, 2006, p.29)

Pochmann (2009), por sua vez, analisa a década de 1990 da seguinte maneira:

Ao longo da década de 1990, o segmento organizado da economia brasileira reduziu cerca de 2,5 milhões de empregos formais, o que contribuiu decisivamente para elevação dos ganhos de produtividade, já que a produção aumentou apenas 2,2% ao ano. No setor privado mercantil, a diminuição do emprego assalariado formal tendeu a atender a várias etapas do processo de reestruturação empresarial, tais como: (i) a mudança no mix de produção (substituição de parte do processo produtivo interno por importação); (ii) a adoção de novos programas de organização do trabalho, de alguma inovação tecnológica e de gestão da produção, com forte intensificação do trabalho; (iii) a subcontratação e terceirização de mão-de-obra e (iv) a transferência de parte da mão-de-obra ocupada para a economia submersa (descumprimento dos direitos trabalhistas).

Assim, os municípios do Vale, os quais tinham sua economia centrada na indústria, como a maior parte das indústrias brasileiras tiveram que modernizar seus parques industriais e realizar mudanças administrativas importantes no sentido de realizar corte de despesas. Tais alterações geraram o aumento do desemprego, pois muitos funcionários não estavam preparados para assumirem cargos que exigiam conhecimento e agregavam novas tecnologias, sendo que para muitas empresas tornou-se mais interessante terceirizar algumas etapas da produção do que realizá-la integralmente.

Diante dessa situação, o que se viu foi um quadro pessimista em relação ao emprego. As taxas de desemprego na região em estudo aumentaram consideravelmente em determinados anos, apontando para padrões relativamente altos, se comparados aos anos anteriores. E foi a indústria calçadista a mais afetada, gerando para as cidades envolvidas com esta economia (indústria de calçados) grandes perdas, bem como o desemprego em massa.

A redução dos empregos no setor industrial também foi motivada pela forte concorrência dos países estrangeiros, principalmente os asiáticos, com seus produtos de qualidade, mão de obra e matérias-primas mais baratas. Também não se pode esquecer outros motivos da grave crise de empregos da região: a desnacionalização das empresas brasileiras, e o crescente número de produtos importados, bem como a queda das exportações nacionais.

A paralisação da economia, a queda das exportações e a inflação crescente tiveram como consequência o descrédito da população nas políticas governamentais, confronto de ideias entre governantes, empresários e comerciantes, além disso, um grande número de empresas da região faliu, resultando em uma grande massa de desempregados.

O período em estudo, de acordo com Pochmann (2001), foi marcado por uma acentuada redução do nível de emprego e pelas mudanças no perfil ocupacional. No setor produtivo estatal, destacou-se a adoção de novos programas de gestão de mão de obra, a fim da intensificação do trabalho. Objetivando gerar lucros, utilizou-se a redução salarial e a subordinação dos novos empregados que restaram através da terceirização, subcontratação e rotatividade. Em geral, os empregos masculinos foram os mais atingidos. Em relação à faixa etária, nota-se que o desemprego concentra-se nos jovens. Enquanto no período de 1989 a 1999 a desocupação jovem era de 73,4%; no seguimento de 25 a 79 anos era de 39%, e os desempregados acima de 49 anos ocupavam 46%.

Essa situação foi sentida e vivenciada intensamente pela comunidade do Vale do Sinos, e o jornal NH retratou-a de forma constante durante essa década, com a publicação de várias notícias que informavam e discutiam essa questão, como poderemos ver a seguir.

A readequação dos trabalhadores segundo o jornal NH

No ano de 1991, o jornal NH publicou uma série de matérias ilustrando a situação vivida pela região em relação ao desemprego. No mês de março, por exemplo, observamos que era “preocupante a corrida em busca do seguro-desemprego”¹, apontando para a existência de um grande número de indivíduos sem colocação na indústria calçadista. Em virtude do grande desenvolvimento dessa indústria, na década de 1970, muitas pessoas de outros municípios e regiões, aqui se estabeleceram, a fim de comporem os quadros de funcionários dessas empresas. No entanto, o ano de 1991 inicia com a indicação de que “Sapateiros desempregados chegaram a dez mil em 90”², sugerindo que a crise no setor era inquietante. E, com a publicação de outra notícia, a qual revelava que algumas empresas entrariam em concordata, o que levou o presidente da ACI previu uma greve geral e desabastecimento³.

Nesse mesmo ano, no mês de maio de 1991, o jornal publicou matéria que evidenciava a preocupação com as pessoas sem emprego, indicando que “Cidades do Vale devolvem as remessas de imigrantes”⁴. Além disso, a queda nas ofertas de emprego e as sub-habitações estimularam várias prefeituras, através de fiscais, a combaterem o “inchaço populacional”.

Diante dessa situação, é realizado “o 3º encontro do Conselho Regional de Desenvolvimento da Região Coureiro-Calçadista”⁵, apontando que a situação de desemprego na região era uma questão preocupante para toda a sociedade da região do Vale do Sinos.

Em virtude dos altos índices de desemprego registrados na região, uma notícia relata um acontecimento, no mínimo, surpreendente, o fato de uma bomba ter explodido no sindicato dos sapateiros. Após a explosão, houve um telefonema anônimo, dizendo que a bomba era em protesto pela política desenvolvida pelo sindicato⁶.

É interessante observarmos que no mês de outubro desse mesmo ano, o jornal publicou uma matéria que dizia que “Dia do sapateiro: ofício que se aprende bem cedo”

¹ Jornal NH 04.03.91.

² Jornal NH, 18.02.1991

³ Jornal NH, 15.02.1991

⁴ Jornal NH, 17.05.1991

⁵ Jornal NH, 29.05.1991

⁶ Jornal NH, 23.07.1991

Menino de 14 anos que teve que largar a escola para trabalhar⁷. Nessa matéria percebemos que a profissão de sapateiro, na região, poderia ser considerada como uma carreira que necessitava empenho por parte do indivíduo desde cedo. O que posteriormente, será, de certa forma revisto, pois as exigências do mercado mudaram ao longo da década, cobrando do trabalhador não só experiência, mas o domínio de uma determinada técnica. E, com isso, algumas entidades da área passam a oferecer cursos para atualização e aprimoramento desses funcionários.

No mês de abril de 1992, enquanto o desemprego já começa a se alastrar, o CTCCA lançou seu primeiro seminário voltado aos diretores do setor calçadista, a fim de tratar do tema qualidade. Em sequência ao evento, promoveu também um treinamento para os Técnicos na Implantação do Sistema de Garantia de Qualidade Total, objetivando alcançar 100 empresas do setor⁸. O projeto estendeu-se por todo o ano de 1992, investigando a situação da indústria calçadista mundial.

No decorrer do ano foram realizadas uma série de palestras e seminários com o objetivo de pôr em prática o ideal de qualidade. As principais questões abordadas foram explicações do por que tanta preocupação com a qualidade, quais os fatores que a determinavam, as implementações das práticas de gestão e por onde começar.

No mesmo ano foi criado o Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade (PBQP), com a finalidade de propagar novas definições de qualidade, gestão e organização da produção, que estavam transformando o mercado competitivo. O programa procurava também formular novas estratégias de melhoria do calçado brasileiro e a qualidade da matéria-prima. A ideia principal era modificar o sistema de gerenciamento das empresas, de forma a obter maior grau de participação das pessoas comprometidas com o andamento produtivo.

Em novembro, quando o número de desempregados já alcançava 50 mil, a Calçados Ferst de Campo Bom foi a primeira indústria da região a implantar o Programa de Qualidade Total. A empresa aplicou US\$ 300 mil visando à instalação das normas do ISO

⁷ Jornal NH, 25.10.1991

⁸ Jornal NH, 22.04.1992.

9000⁹. Ao mesmo tempo a ACI/NH seguiu investindo, através de palestras e seminários que abordavam o tema “Gestão Estratégica da Qualidade e Competitividade”.

Em busca da modernização tecnológica das empresas e a profissionalização dos trabalhadores do Vale, ainda no mesmo ano, o Centro Tecnológico de Calçado do Senai de Novo Hamburgo formou 20 supervisores para a indústria calçadista, através de sua segunda turma no curso de Supervisão de Primeira Linha. No estudo, os alunos, que já eram atuantes em empresas exercendo funções de primeira chefia, procuravam desenvolver conteúdos de tecnologia e gestão de recursos.

A minimização da capacidade de geração de emprego do segmento industrial teve impacto direto na redução do nível de emprego, uma vez que representava grande parcela dos postos de trabalho da região, como pode ser percebido através de algumas matérias do Jornal NH, as quais têm como título: “Choradeira nos sindicatos de trabalhadores”¹⁰; “Falência da *New Star* deixa 64 operários desempregados”¹¹; “Empregos na indústria calçadista caíram 7,67%”¹²; “Sapateiro faz fila por emprego em Campo Bom”¹³.

No ano de 1993 os investimentos alcançaram níveis de extensão universitária, através do Curso de Estilismo do Calçado, realizado pelo Centro Universitário Feevale¹⁴. As aulas foram planejadas com o objetivo de levar ao mercado de trabalho profissionais capazes de criar coleções que determinassem linhas e estilos a serem seguidos, com base nas pesquisas de tendências de moda, para satisfazer as necessidades do consumidor e das empresas. Lecionado por estilistas regionais renomados, o curso era voltado para pessoas com o segundo grau completo.

No mês de maio, o SEBRAE-RS (Serviço de Apoio às Pequenas e Médias Empresas do Rio Grande do Sul) e a Calçados Catléia, de Campo Bom, firmaram um convênio, a fim de realizar o Projeto de Capacitação e Desenvolvimento de Fornecedores, com o objetivo de melhorar a qualidade e o padrão dos fornecedores. As duas empresas se

⁹ ISO 9000 (International Standardization Organization da série 9000): Projeto desenvolvido pela Organização Internacional de Padronização, que visa a implementação de padrões internacionais para a qualidade, auxiliando na administração global das empresas, possibilitando que se garanta a qualidade externa e se dirija corretamente os recursos apropriados para suprir o mercado.

¹⁰ Jornal NH, 03.01.1992

¹¹ Jornal NH, 03.01.1992

¹² Jornal NH, 21.01.1992

¹³ Jornal NH, 17.03.1992

¹⁴ Jornal NH, 15.03.1993

uniram para a realização do plano de treinamento, gerenciamento e produtividade dos 120 fornecedores das Indústrias Catléia. O curso realizou-se com o apoio e a assessoria da Associação Comercial Industrial e de Serviços de Novo Hamburgo (ACI-NH) e do Centro Tecnológico do Couro, Calçados e Afins (CTCCA) que tinham como intenção estender o projeto para mais 11 empresas nos próximos três anos que se seguissem.

Próximo ao meio do ano, o jornal NH¹⁵ direciona à atenção dos leitores para as transformações que vinham ocorrendo nas indústrias do Vale do Sinos, que buscavam a qualidade e a padronização das normas de produção para se adequarem às normas internacionais e adquirir o ISO 9000 certificando a qualidade de seus produtos. O veículo volta algumas de suas reportagens a prestar explicações sobre o novo certificado e, de certa forma, incentivar as empresas, nomeando aquelas que já haviam aderido à novidade e destacando as vantagens adquiridas.

Outro investimento realizado pela CTCCA é o acordo com a empresa francesa, *Lectra Systèmes*, que garantiu a transferência do sistema CAD/CAM¹⁶, permitindo a realização de várias etapas da confecção do calçado em menor tempo e custo mais baixo. O contrato garantia a compra de quatro estações de trabalhos computadorizados que dispunham das funções de modelagem técnica, corte a laser, 14 softwares de modelagem, cálculos de custos, estudo de aproveitamento de corte em sintético e para costura automatizada, o que representou um avanço significativo na produção dos calçados brasileiros.

O ano encerrou com a implantação do curso profissionalizante na área do calçado, promovido pelo Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Calçado de Campo Bom. Nele, inicialmente, os alunos tinham a oportunidade de aprender as funções de costureira e de cortador, posteriormente foram acrescentadas as funções de chanfradeiras, preparadeiras, montadoras e outros ofícios.

A entrada do Plano Real requisitou a alteração dos condicionantes fundamentais do ambiente econômico, modificando a mentalidade dos empresários, que deveriam se adaptar ao novo modelo da economia brasileira que exigia uma nova postura das indústrias.

¹⁵ Jornal NH, 21.05.1993 e 17.06.1993

¹⁶ Jornal NH, 3 e 4.07.1993

Em agosto de 1994, o Sebrae lançou um novo projeto com a expectativa de reunir representantes de mais de 150 micros e pequenas empresas para debater a gestão de qualidade total e trabalhar no fortalecimento das empresas de menor porte.¹⁷ Após sensibilizar os empresários quanto à importância da qualidade, o instituto promoveu cursos específicos de treinamento, aperfeiçoamento, consultoria e troca de experiências, baseadas na avaliação de alguns aspectos fundamentais.

Durante este período, foram feitas, também, trocas de experiências tecnológicas entre os fabricantes, através de eventos prestigiados na região¹⁸. Não apenas em 1994, mas em todos os anos estudados, a Fenac e a Couromoda tiveram especial destaque nesta linha, buscando novidades na área da moda e industrial regionalmente e internacionalmente.

Enquanto muitas empresas decretavam falência, algumas fábricas começam a surgir timidamente, produzindo pouco, mas com cautela e qualidade.

Este foi um ano de muitas transformações, pois nele pode ser vivido o desespero da crise, a diminuição do emprego, falências, a queda nas exportações e a redução da jornada de trabalho¹⁹, ao mesmo que se constatou, também, o aumento do emprego, em alguns períodos do ano, e fábricas que ainda prosperavam em meio à crise, como é o caso da Calçados Richter, de Estância Velha.

Movido pela crescente expansão do desemprego, o mercado de trabalho começou a abrir, próximo ao meio deste ano, espaço para uma nova segmentação do setor, as cooperativas calçadistas²⁰, que puderam suavizar um pouco a falta do emprego industrial, gerando cerca de cem novos empregos.

Além dos eventos da Couromoda e Fenac, neste ano Novo Hamburgo também abriu as portas ao 2º Encontro Brasileiro para a Qualidade e Produtividade do Setor Coureiro-Calçadista²¹. O acontecimento, patrocinado pela Artecologia Indústria Química Ltda., teve duração de três dias.

As mudanças da economia, com a globalização e a entrada dos importados com preços mais baixos fragilizou as empresas brasileiras. Com o intuito de alcançar a recuperação do setor, a FIERGS (Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do

¹⁷ Jornal NH, 09.08.1994

¹⁸ Jornal NH, 10.08.1994

¹⁹ Jornal NH, 10.01.1995; 28.04.1995; 11.05.1995; 20.06.1995

²⁰ Jornal NH, 24.04.1995; 05.07.1995; 31.07.1995

²¹ Jornal NH, 28.11.1995

Sul), em conjunto com outras entidades patronais, desenvolveu projetos a fim da reciclagem dos trabalhadores anteriormente dispensados pela indústria.

Estando com a situação mais amena, além do tema qualidade, a ACI/NH, percebeu a necessidade de cursos que suprissem as fragilidades financeiras, realizando então o curso Gerenciamento do fluxo de caixa com a nova fase bancária, que visava auxiliar os profissionais e empresários a incrementar a ótica de análise da boa administração, através do ciclo econômico x ciclo financeiro e averiguação da necessidade de capital da empresa²².

Com a colaboração das empresas do Vale Paranhana foi elaborado o Curso Técnico de Calçado, mantido pela escola cenequista Edmundo Saft, pretendendo ensinar os passos para produção de calçado. Aqueles que já possuíam 2º grau completo e já trabalhassem em fábrica tinham o direito de ingressar a partir do 2º ano. O projeto nada mais era do que uma mini-fábrica escola, montada para qualificar os alunos na confecção de calçados e prepará-los para o mercado²³.

Algumas empresas começam a se destacar devido aos seus sistemas de qualidade e superação da crise, ao mesmo tempo em que novas filiais foram abertas gerando mais empregos²⁴. Mas nem esse progresso fez com que se quebrasse o ritmo das ações de incentivos a qualidade, com cursos e palestras sobre os assuntos.

No ano que começou com a taxa de desemprego de 8,18%²⁵ e encerrou com uma leve queda, palestrou-se não apenas sobre a qualidade, mas também sobre assuntos referentes ao fim do emprego, como criar uma empresa “100%” e a influência do emocional para o sucesso profissional²⁶. Não se tratou somente da importância da qualidade total para o desenvolvimento dos produtos, mas do valor da qualidade humana, em casa e no trabalho. Ao que parece começou a surgir aí a principal doença do século seguinte: o estresse.

O Sebrae organizou uma sequência de palestras nas 30 cidades onde, na época, operava a fim de incentivar os novos empreendedores que já atuavam no mercado e apoiar aqueles que tentam se recuperar da crise. O tema era voltado a informações sobre o

²² Jornal NH, 22.01.1996

²³ Jornal NH, 24 e 25.12.1996

²⁴ Jornal NH, 15.03.1997

²⁵ Jornal NH, 30.04.1998

²⁶ Jornal NH, 26.05.1998

mercado, orientações a respeito de novos empreendimentos, maneiras de minimizar os problemas das empresas, pesquisas de viabilidade de abertura de negócios²⁷.

O perfil dos novos desempregados

A década de 1990 teve como uma de suas principais características a mudança do perfil do desempregado. Este deixou de ser exclusividade de segmentos específicos no mercado de trabalho, como os jovens, as mulheres, os negros e aqueles sem experiência.

As mesmas mudanças puderam ser vistas no setor coureiro-calçadista, no qual as demissões não atingiram somente as minorias e os jovens com pouca experiência. Pelo contrário, os números mais significativos foram os de trabalhadores com grande experiência em suas tarefas, os quais haviam dedicado vários anos de suas vidas a determinadas empresas e funções. Uma matéria do jornal NH²⁸ confirmava a situação acima citada, enfatizando que, se antes da crise os desempregados (38,73%) eram indivíduos sem experiência anterior, durante os anos 1990 os desempregados constituíam-se por trabalhadores com experiência anterior (94,21%).

Diante do momento que se apresentava, muitos trabalhadores viram-se obrigados a encontrar novas alternativas de sobrevivência e sustento para suas famílias. Desacreditados do setor calçadista, muitos investiram em novos empreendimentos por conta própria, como a venda de doces, abertura de bares, mercearias, barracas de cachorro-quente, oficinas de costura e reforma de roupas usadas e confecções de bordados, dirigindo para o setor da economia informal. Isso contribuiu para o aumento, quase constante, na proporção de empregados sem carteira assinada e trabalhadores autônomos e informais durante a década de 1990. Ainda nas matérias publicadas pelo NH (14 e 15.03.1992) pode-se constatar que os desempregados voltaram-se para a economia informal, indicando, também um aumento de 32,6% de empregados autônomos e 16% de empregados sem carteira de trabalho assinada pela indústria contratante.

Concomitantemente à situação anteriormente narrada e motivados pelo surgimento da necessidade de cooperação com as despesas da casa, muitos jovens saíram em busca de emprego. Participaram dos novos cursos técnicos e específicos para o setor do couro e do

²⁷ Jornal NH, 24.07.1998

²⁸ Jornal NH, 14 e 15.03.1992

calçado que surgiram na região, objetivando incentivar o trabalho no setor, prestar treinamento voltado à adaptação dos empregados aos equipamentos microeletrônicos, bem como em treinamentos que objetivavam a busca pela qualidade das matérias-primas usadas para a elaboração de calçados. Dessa forma, conforme havia a retomada dos empregos, eram os jovens que absorviam os postos de trabalho, tomando quase que definitivamente o lugar daqueles empregados com idade mais avançada, que haviam perdido seus empregos anteriormente e não realizaram cursos profissionalizantes. Esse fato pode ser observado em matéria do jornal “Curso de calçados está com matrículas abertas”²⁹, destinado a jovens em nível técnico. De acordo com a matéria o curso passou a ser oferecido após um convênio entre a escola e os empresários da região, com o intuito de qualificar os empregados.

Embora o mercado de trabalho tenha recrutado novos profissionais qualificados, muitos outros deixaram seus postos, passando a assumir a posição de profissionais que trabalhavam por conta própria. Entretanto, apesar de muitos empregados terem se qualificado, houve um decréscimo nos níveis de qualidade de trabalho, diminuindo, assim, o aproveitamento desta mão-de-obra, que se viu obrigada a migrar para o setor não-protegido (informal).

Ao longo do período estudado, o grupo dos trabalhadores autônomos adquiriu um novo padrão, composto por operadores com nível de formação mais elevado que os exigidos a seus ofícios, de forma a abrirem mão de sua inserção no mercado, onde poderiam obter esferas de rendimentos mais significativos. É possível, então, constatar a decadência da qualidade do emprego, em virtude da necessidade de aceitação de qualquer emprego, a fim de evitar a falta do mesmo.

Considerações finais

Uma das principais políticas dirigidas à redução do desemprego e qualificação dos trabalhadores para a nova situação do mercado de trabalho foi o treinamento dos desempregados. Isso levando em conta que o alto grau de desemprego não foi gerado apenas pela crise em que o país se encontrava, mas também pelo crescente

²⁹ Jornal NH, 24 e 15.12.1996

desenvolvimento tecnológico brasileiro e, principalmente, o estrangeiro que impulsionava o incremento de tecnologias nos produtos nacionais.

Com o crescimento da concorrência entre países o produto brasileiro passou a ser mais exigido, tendo que melhorar a qualidade e agilizar o sistema produtivo, de forma a demandar também uma maior qualificação da mão de obra.

Tendo em vista a dificuldade de pagamento dentre as fábricas que resistiam à crise, os empresários optaram por novas iniciativas para evitar as demissões, porém estas não solucionaram o problema. Outra decisão foi a geração de cursos que suprissem a necessidade de uma diferenciação e que destacasse qualidades na “nova” mão-de-obra do setor coureiro-calçadista.

A implantação de cursos de aperfeiçoamento às novas tecnologias e o incentivo ao crescimento da qualidade nas mercadorias impulsionaram a recolocação dos trabalhadores no mercado. É preciso destacar, entretanto, que os cursos de aperfeiçoamento não representaram uma solução ao problema, eles supriram uma deficiência, remediando, em parte, a situação. É necessário admitir, que mesmo nos dias de hoje, a “fórmula” do fim do desemprego ainda está longe de ser descoberta ou, pelo menos, de ser devidamente aproveitada.

Na década de 1990, o Brasil enfrentou um cenário de altos e baixos com a abertura da economia, a inserção de um novo modelo financeiro (Plano Real) e a adaptação ao modelo econômico da época, o neoliberalismo. Isso, paralelo à considerada mais grave crise da área coureiro-calçadista que se alastrou por todo o país e diversos setores industriais brasileiros, o que exigiu uma nova organização dos mercados e impulsionou a mudança na mentalidade e estratégias das empresas, nelas introduzindo a inquietação pela aquisição de capacitação tecnológica e pela busca da eficiência produtiva.

Pressionados pela competitividade internacional, os empresários passaram fabricar calçados de melhor qualidade, preços mais baratos e de maior potencial competitivo. As indústrias e o governo brasileiro passaram a investir na modernização tecnológica e promover a especialização dos trabalhadores, então desempregados, nas novas técnicas de produção, através de cursos e seminários.

Vale lembrar, que tais eventos não eram voltados apenas para os desempregados, mas também aos próprios empresários, que ainda se encontravam em estágio de adaptação

aos novos métodos e tinham bastante a aprender, e entender, sobre as técnicas e a importância da qualidade para a evolução e barateamento dos produtos.

Analisando o jornal e os conceitos de crise e mercado de trabalho, podemos considerar que os problemas surgidos em decorrência da política econômica nacional e internacional da década de 1990 não foram apenas negativos para o setor coureiro-calçadista, mas também representaram um avanço na qualificação dos trabalhadores para a sua readequação no mercado de trabalho.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Rio de Janeiro, Edições 70, 1977.

CORRÊA, Abidack Raposo. *O complexo coureiro-calçadista brasileiro*. Disponível em: <http://scholar.google.com/scholar?q=O%20COMPLEXO%20COUREIRO%20CALÇADISTA%20BRASILEIRO&hl=pt-BR&lr=&oi=scholar> Acesso em junho de 2006.

SANTOS, Ângela Maria Medeiros et all. *O deslocamento de empresas para o estado do Ceará e Bahia: caso da indústria calçadista*. Disponível em <http://scholar.google.com/scholar?hl=ptBR&lr=&q=deslocamento+de+empresas+para+os+estados+do+ceara+e+da+bahia&btnG=Pesquisar&lr> Acesso em março de 2006

NETTO, Cíntia Rubem Souza. CURADO, Marcelo Luiz. *Produtividade no trabalho, salários reais e desemprego na indústria de transformação do Brasil na década de 1990*. Disponível em: http://www.ie.ufrj.br/revista/pdfs/produtividade_do_trabalho_salarios_reais_e_desemprego_na_industria.pdf. Acesso em junho de 2006.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 5.ed. Campinas: Pontes, 2003.

PINHEIRO, Armando Castelar. GIAMBIAGI, Fábio. MOREIRA, Maurício Mesquita. *O Brasil na década de 90: uma transição bem sucedida?* Disponível em: http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/td/td-91.pdf Acesso em abril de 2006.

POCHMANN, Marcio. *Produtividade e Emprego no Brasil dos Anos 90* Disponível em <http://www.eco.unicamp.br/artigos/artigo77.htm> Acesso em março de 2009

RAMOS, Lauro. REIS, José Guilherme Almeida. *Emprego no Brasil nos anos 90*. RJ: IPEA, 1997.